

Aprender a aprender

José Mário Pires Azanha

A expressão tornou-se um *slogan* que aparece cada vez com maior frequência na retórica pedagógica, inclusive em documentos oficiais. Contudo, mesmo aqueles que utilizam a expressão teriam dificuldades para explicitar o seu significado. O propósito deste trabalho é principalmente tentar deslindar o que se quer dizer quando se usa a expressão “aprender a aprender”. Para isso, seguiremos as recomendações de Scheffler a propósito da avaliação de *slogans* educacionais. Segundo ele, essas expressões devem ser analisadas tanto na sua significação literal quanto naquela que portam como bandeira ou símbolo de um movimento de idéias em educação.¹

¹ Cf. I. Scheffler, *A linguagem da educação*, trad. Balthazar Barbosa Filho, capítulo 2 (São Paulo: Saraiva/Edusp, 1974).

SIGNIFICAÇÃO LITERAL DE “APRENDER A APRENDER”

Para Scheffler, até certo ponto seria ocioso buscar a análise de *slogans* a partir de uma interpretação literal dos seus “termos constituintes”, pois a relevância dessas expressões está sobretudo no seu “alcance prático” e nas suas vinculações com doutrinas ou teorias educacionais. Contudo, quando os *slogans* passam a ser interpretados literalmente como se expressassem um conhecimento verdadeiro, ou algo factível, convém examiná-los também por esse ângulo. Para demonstrar essa conveniência, Scheffler transcreve um longo trecho de um livro sobre filosofia da educação que, pela sua atualidade, vale a pena ser retomado:

Muitos educadores, um tanto inconsideradamente, repetem a máxima: “Se não há aprendizado, não há ensino”. Isso constitui apenas uma maneira de falar, pois nenhum educador acredita realmente que ela seja verdadeira ou, se o fizesse, deveria recusar-se, com toda a honestidade, a aceitar a maior parte do seu salário. Existe uma diferença entre ensino bem-sucedido e ensino mal-sucedido, do mesmo modo que há uma diferença entre cirurgia bem-sucedida e cirurgia mal-sucedida... Ensinar significa tentar deliberadamente promover certas aprendizagens. Quando outros fatores interferem para frustrar tais aprendizagens, o ensino malogra.²

Comentando essa passagem, Scheffler mostra que a afirmação de que “não houve ensino, se não houver aprendizagem” é falsa na sua significação literal e na raiz de sua falsidade encontra-se a confusão entre a dupla utilização do verbo “ensinar” como indicativo

² Cf. H. S. Broudy, *apud* I. Scheffler, *A linguagem da educação*, cit., p. 52.

Até mesmo a compreensão do significado de expressões ou sentenças corriqueiras envolve um conjunto indefinido de “suposições de base” que funcionam como um pano de fundo, isto é, como referência contextual indispensável.

Por isso, no andamento deste trabalho sobre o *slogan* “aprender a aprender” faremos uma tentativa, ainda que limitada, de compreendê-lo no seu “alcance prático” referindo-o a algumas idéias sobre ensino que ele pode simbolizar ou mobilizar.

SIGNIFICAÇÃO PEDAGÓGICA DE “APRENDER A APRENDER”

Examinaremos nesta parte duas tentativas de interpretar pedagogicamente o *slogan* que, embora com propósitos diferentes, coincidiram no significado atribuído à expressão “aprender a aprender”. Num caso, trata-se de *A proposta Paidéia (Um manifesto educacional)*, redigida por Mortimer J. Adler, em nome do Grupo Paidéia, um grupo de educadores norte-americanos, publicada originalmente pelo Institute for Philosophical Research, em 1982.⁶ No outro, trata-se dos anais de uma conferência internacional promovida pela Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE), em 1989.⁷

Em ambos os casos, a expressão “aprender a aprender” foi interpretada como se significasse “aprender a pensar”. Com esse significado, o *slogan* ganha força prática e pode tornar-se bandeira

⁶ M. J. Adler, *A proposta Paidéia*, trad. Marília L. Couri (Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1984).

⁷ Os anais da conferência foram publicados em S. Maclure & P. Davies (orgs.), *Learning to Think: Thinking to Learn* (Oxford: Pergamon Press, 1991).

Mas, não há serviços públicos de vigilância educacional, e as fraudes na área de educação são até mesmo apresentadas como inovação pedagógica por intelectuais bisonhos, autoridades escolares despreparadas e por escolas de elite.

Uma grande diferença entre os dois tipos de fraude é que, no caso dos medicamentos, os cidadãos ficam indignados e exigem providências, mas no caso educacional ficam deslumbrados e pensam que pelo menos em alguns pontos já somos primeiro mundo.

“Aprender a aprender” é um *slogan* que tem aparecido com grande frequência em documentos oficiais, revistas especializadas e até em artigos de jornais como se a expressão fosse a síntese de grande avanço pedagógico que, seguramente, vai preparar os estudantes brasileiros para os desafios do novo século e talvez do novo milênio.

Ora, o verbo “aprender” exige complemento; quem aprende aprende alguma coisa, seja lá o que for. Se alguém disser: “Aprendi a nadar”, “Estou aprendendo inglês”, “Aprendi a ficar quieto”, etc., todos entendem o que se quer dizer.

Mas, se alguém disser “estou aprendendo a aprender”, a expressão fica enigmática, ou melhor, de significação obscura. Nenhum pai ficaria satisfeito se na escola de seu filho, que é muito cara, pois só nelas é que se “aprende a aprender”, o professor lhe dissesse: “Seu filho vai muito bem na sua aprendizagem de aprender”. Se o pai exibir a sua incompreensão de modo muito claro, o professor poderá acrescentar com condescendência: “Aqui usamos métodos muito avançados e, além de português, matemática, etc., também aprendem a aprender, o que é muito mais importante”.

O pai não entende o que seja isso, mas fica satisfeito com a excelência da escola. Mas, não é só ele que não entende. Ninguém

entende, nem mesmo o professor e outros especialistas. Aliás, “aprender a aprender” lembra um pouco a história do homem que sabia javanês, do Lima Barreto.

O verbo “aprender” usualmente designa um processo psicofisiológico por meio do qual as pessoas assimilam ou constroem conhecimentos, hábitos, atitudes, etc. Sobre o assunto existem inúmeras teorias, mas poucas certezas. Porém, o tema é central em educação pois presume-se que se conhecêssemos como ocorre a aprendizagem seria possível preparar os professores para que o ensino sempre conduzisse ao êxito na aprendizagem.

Em vez de tentar elucidar diretamente o significado de “aprender a aprender”, podemos tentar um caminho indireto e perguntar como deve ser o ensino para que o aluno aprenda, não isto ou aquilo, mas a aprender. Na verdade, é isso que tem sido feito.

A conferência da OCDE, de 1989, foi sem nenhum exagero exemplar representativo de um encaminhamento razoável de tentativas de atribuir um significado pedagógico ao *slogan* “aprender a aprender”.

Como já vimos, na primeira parte deste trabalho, a expressão “aprender a aprender” é literalmente vazia, mas, como Scheffler observou, a análise literal de *slogans* deve ser complementada pelo exame da força do seu “alcance prático”, isto é, de seu poder de mobilização.

Nesse sentido, é preciso reconhecer que a questão central da conferência – é possível ensinar a pensar? – é uma interpretação interessante de problemas que podem ser aflorados quando se compreende “aprender a pensar”. Com esse significado o *slogan*

ganha força prática e pode tornar-se bandeira para orientação de esforços pedagógicos que, em conseqüência, não mais devem visar a uma aprendizagem cumulativa de conhecimentos, mas sim a uma aprendizagem da capacidade de pensar, base presumida de todo aprendizado posterior.

Um outro resultado interessante da conferência, que marca a sua representatividade no panorama da educação contemporânea, é a evidência que traz para mostrar como as possíveis propostas pedagógicas ao problema de *como ensinar a pensar*, não conseguem escapar da suposição de que pode haver um desenvolvimento do intelecto independente de áreas específicas de conhecimento ou, da suposição *contrária*, de que essa independência não existe e o desenvolvimento intelectual está sempre comprometido com particulares conhecimentos.

Este texto completo pode ser encontrado em:

A formação do professor
e outros escritos

JOSÉ MÁRIO PIRES AZANHA : Editora **senac**